SANDRA HETZEL

Oferta insuficiente

O país deve importar cerca de 100 mil toneladas de feijão-preto para suprir a demanda interna, já que a produção ainda é incapaz de atender às necessidades do mercado.

Por conta das peripécias do El Niño já se podem contabilizar algumas quebras na produção brasileira deste ano. Na primeira safra – cerca de 350 mil toneladas, aproximadamente 78% da produção total –, cuja colheita acontece entre dezembro e janeiro, estima-se uma quebra da ordem de 30% devido às fortes chuvas na região Sul, que é onde se concentra a maior parte da produção de feijão-preto do país.

Na segunda safra da seca ou safrinha, semeada entre janeiro e fevereiro, as notícias dão conta de que muitas lavouras tiveram que ser replantadas e continuam tendo prejuízos também por causa do excesso de chuvas. Por isso são esperadas cerca de 85 mil toneladas (que deverão entrar no mercado entre maio e junho), já contabilizados os prejuízos futuros.

As maiores expectativas no momento são para plantios em áreas irrigadas, que começam a partir de abril-maio, estendendo-se até meados de julho em Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Bahia (região de Barreiras), considerados pólos de produção devido aos altos índices de produtividade (acima de 3 mil kg/ha). Contando com algum incremento nessas áreas, o mercado acredita numa colheita próxima de 20 mil toneladas, tendo em vista a preferência dos produtores pelo plantio do feijão de cores, mais fácil de comercializar.

Somando as três safras, acredita-se que a produção total de feijão-preto alcance cerca de 350 mil toneladas contra um consumo estimado de 450 mil. Ainda assim o país ficará na dependência de pelo menos 100 mil toneladas.

De onde vêm as maiores quantidades de feijão-preto

Segundo as estatísticas, as importações brasileiras cresceram bastante nos últimos anos. A taxa de crescimento anual no período 1983-96 foi de 21,3%, sendo a Argentina o maior fornecedor. Existem ainda excedentes exportáveis na China e nos EUA. Mas o imposto de importação de 13%, as despesas de internalização e o tempo que o produto leva para chegar ao Brasil (em torno de 35-40 dias) inviabilizam as importações. Há ainda no Chile um excedente exportável de 15 a 20 mil toneladas, com alguns negócios já realizados com o Brasil (cerca de 2.800 toneladas) na faixa de preço entre US$950-955/t (custo frete portos brasileiros), o que equivale ao preço médio de R$61 a saca.

Este ano ao que tudo indica o preço do feijão-preto deverá continuar elevado no mercado doméstico, já que os estoques na Argentina estão baixos. Os rumores são de que a safra naquele país deverá atingir 165 mil toneladas, com previsão de atender a seus compradores habituais – o Brasil (em torno de 100 mil toneladas), Costa Rica (20 a 22 mil), Venezuela (35 a 40 mil), além de alguns negócios com o México (com previsão de importação de 21 mil toneladas) na faixa de US$730-760/t (posto México), para entrega futura em maio.



Quanto poderá custar o feijão importado da Argentina

Partindo de um preço médio do produto argentino na faixa de US$680/t FOB fronteira, já acrescidas as despesas de frete e despachante (calculadas pelo mercado em torno de US$60/t, inclusive o ICMS de 7% posto São Paulo), essa mercadoria chegaria ao atacado por cerca de R$46,70 a saca de 60kg.

Extrapolando a cotação máxima de US$ 900/t FOB fronteira, o produto entre setembro-outubro poderá estar custando no mercado paulista cerca de R$61,80 a saca. Ao que tudo indica, o quadro de oferta e demanda poderá continuar firme como o atual quanto às condições de mercado.

Produtores de feijão irrigado devem ficar atentos às previsões de mercado

Considerando o potencial de produção em áreas irrigadas, há alguns cálculos a fazer na hora de decidir pelo plantio do feijão-preto. Primeiro, o do risco do plantio, quando há incidência de mosca branca na região; depois, o custo das inúmeras pulverizações que a cultura exige, uma vez que esses gastos tornam elevados os custos de produção.

O plantio do feijão-preto interessa a algumas empresas de empacotamento – especialmente na região do cerrado – que estão negociando as sementes, com acordo de compra no valor mínimo de R$30 a saca na época da colheita. Feitos os cálculos, o ideal seria que o produtor conseguisse produtividade acima de 35sc/ha, caso o mercado esteja pagando o preço mínimo de R$30 a saca.

Referência 3 mil kg/ha (50sc/ha) – Irrigado

	por saca	*por ha*
Custo unitário	R$30,00 (mínimo)	R$1.500,00
Receita	R$40,00 preço de mercado	R$2.000,00
Lucro	R$10,00	R$500,00
Referência 2.100kg/ha (35sc/ha)		
Custo unitário empatado	R$30,00	R$1.050,00

Economista e analista da Bolsa de Cereais de São Paulo – BCSP.
E-mail: shetzel@sti.com.br